



Recebido em: 25/10/2018

Aceito em: 12/11/2018

A INFLUÊNCIA BÍBLICA NA INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONSERVADORISMO NO ESTUDO ACADÊMICO DA HISTÓRIA ANTIGA DE ISRAEL

THE BIBLICAL INFLUENCE IN THE INTERPRETATION OF HISTORY: CONSIDERATIONS ON CONSERVATISM IN THE ACADEMIC STUDY OF ANCIENT HISTORY OF ISRAEL

Josué Berlesi¹

Docente UFPA/Cametá

<http://lattes.cnpq.br/0468572924132582>

Resumo: Desde o princípio do criticismo bíblico com Spinoza, a Bíblia Hebraica foi considerada uma fonte válida para o estudo da sociedade véteroisraelita. Porém, apesar dos avanços da exegese histórico-crítica, a academia ocidental foi capaz de produzir um imenso equívoco, qual seja: considerar a narrativa bíblica como um referencial adequado para identificar um Israel histórico. Desde a década final do século XX, contudo, as evidências arqueológicas e epigráficas reforçaram seu protagonismo na investigação crítica da história antiga do Levante. Desse modo, o presente artigo visa apresentar o recente debate acadêmico sobre a necessidade de desconsiderar a narrativa bíblica como fonte válida para o estudo da história antiga de Israel.

Palavras-chave: Israel antigo. Exegese bíblica. Pesquisa histórica, Historiografia, Conservadorismo.

Abstract: From the beginning of biblical criticism with Spinoza, the Hebrew Bible was considered a valid source for the study of ancient israelite society. However, despite the advances of historical-critical exegesis, the Western academy was able to produce an immense misunderstanding, which is: to consider the biblical narrative as an adequate reference to identify an historical Israel. Since the late twentieth century, however, archaeological and epigraphic evidence has reinforced its prominence in the critical investigation of the ancient history of the Levant. Thus, the present article aims to present the recent academic debate on the need to disregard the biblical narrative as a valid source for the study of the ancient history of Israel.

Keywords: Ancient Israel. Biblical exegesis. Historical research. Historiography. Conservatism.

¹Doutor em Teologia pela EST/RS. Docente de História Antiga na UFPA/Cametá. E-mail: josue.berlesi@bol.com.br.

A narrativa bíblica, apesar de conter uma percepção da história que difere de nossa concepção moderna², apresenta a suposta trajetória histórica da sociedade vétero-israelita que, grosso modo, corresponderia ao período dos patriarcas, a história de José no Egito e a escravidão dos “hebreus”³, o êxodo, a peregrinação pelo deserto, a conquista militar de Canaã, o governo dos juízes, a Monarquia, o império de Davi e Salomão, a divisão entre reino do norte e do sul, o exílio e, por fim, o retorno para a “terra prometida”⁴. Em grande medida, essa narrativa religiosa da história antiga de Israel integrou os manuais acadêmicos sobre o tema, sem grandes alterações, até a década de 1970 do século XX.⁵

De certo modo, a história de Israel presente na academia resumia-se a uma “paráfrase racionalista” do texto bíblico (LEMCHE, 1998: 148-156). Os primórdios da pesquisa arqueológica praticada no Levante, em grande medida, serviram para dar suporte à interpretação conservadora da narrativa veterotestamentária. Em verdade, as primeiras pesquisas desse gênero levadas a cabo nas chamadas “terras da Bíblia” (RODRIGUES, 2008) tinham, dentre outros objetivos⁶, atestar a pertinência histórica do relato contido no “Antigo Testamento” (CLINE, 2009).

Ainda na primeira metade do século XX o surgimento da “arqueologia bíblica” por mãos de religiosos norte-americanos⁷, reforçou o intento de demonstrar a correspondência existente entre as evidências materiais e as páginas da Bíblia. Após 1948 e, portanto, após a criação do moderno estado de Israel, a arqueologia foi usada com propósito notadamente político, especialmente no sentido de criar uma identidade nacional para a jovem nação (BERLESI, 2012: 31) dando ênfase ao suposto elo existente entre os israelitas e o território em questão⁸.

A ausência de historiadores no debate

² Para os redatores bíblicos a história é tão somente o palco da atuação do deus Yhwh (Javé), onde, por vezes, a referida divindade age de maneira didática para corrigir os equívocos dos israelitas e, posteriormente, conceder-lhes determinadas graças. Veja-se mais em: PFOH, E. *The Emergence of Israel in Ancient Palestine: Historical and Anthropological Perspectives*. London: Equinox, 2009, p. 58.

³ Colocamos aspas pelo fato de não ser correto historicamente usar o termo “hebreu” como sinônimo de “israelita”. A esse respeito veja-se: DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal/Vozes, 1997, p. 80-81.

⁴ DA SILVA, A. J. A história de Israel na pesquisa atual. In: *História de Israel e as pesquisas mais recentes*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 46.

⁵ <http://airtonjo.com/site1/historia-de-israel.htm>, acesso em 04/08/2016.

⁶ Como, por exemplo, o controle geopolítico do território sob controle otomano. SILBERMAN, Neil A.. *Between Past and Present: Archaeology, Ideology and Nationalism in the Modern Middle East*. New York: Henry Holt. 1989, p. 127.

⁷ Com destaque especial para Willian Albright e George Wright.

⁸ Para um debate mais aprofundado veja-se: SAND, Shlomo. *The invention of the Jewish People*. London/New York: Verso. 2009.

Desde as primeiras investigações sobre o passado de Israel no antigo Oriente Próximo, notava-se que havia uma ausência de reflexão histórica nos manuais pertinentes a história de Israel. Em tal medida, a referida ausência decorria do fato de que a historiografia deste tema deu-se por mãos de teólogos os quais, obviamente, possuem outra metodologia de trabalho bem como um *corpus* teórico distinto dos historiadores⁹.

Por conta da falta de reflexão histórica apropriada, muitos manuais acabaram sendo portadores de uma visão positivista da História dando ênfase especial aos grandes heróis da narrativa bíblica¹⁰. Não obstante, para além de uma história feita apenas pelos “grandes homens” tais manuais acabaram sendo portadores de uma percepção completamente refutada pelo círculo profissional de historiadores, qual seja: a noção de intervenção divina na História.

Nesses termos, a história de Israel, de John Bright, afirmava categoricamente que determinados acontecimentos relativos ao passado de Israel só poderiam ser entendidos sob a ótica da intervenção divina¹¹. Sabidamente, tal proposição é inadequada para qualquer pesquisa histórica que se proponha minimamente crítica.

A história, do ponto vista da moderna pesquisa acadêmica, é única e exclusivamente fruto da ação humana. Sendo assim, nenhum elemento extra-humano pode ser usado como variante de explicação histórica (BERLESI & FELDMAN, 2015: 181). De tal modo, se a narrativa bíblica apresenta a trajetória do Israel antigo permeada pela intervenção de deus, tal narrativa não pode ser assumida como fonte histórica fidedigna para a tarefa historiográfica. Não obstante, se nossa cultura ocidental historicamente percebeu a Bíblia como “palavra divina” tal percepção não pode ser confundida com a validade histórica dos acontecimentos ali narrados (PFOH, 2009: 58).

Para o historiador profissional a Bíblia não pode ser vista como um documento especial, dotado da *revelação* de deus. Todas as fontes envolvidas no

⁹ Em realidade as “histórias de Israel” produzidas por teólogos limitaram-se quase que exclusivamente a um trabalho exegético do Antigo Testamento. Nesse sentido, veja-se, por exemplo: NOTH, M. *Historia de Israel*. Barcelona: Garriga, 1966. HERRMANN, S. *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1979. GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até nossos dias*; Tradução Monika Ottermann. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005. ALT, A. *Terra Prometida*. Ensaios sobre a História do Povo de Israel. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

¹⁰ É caso da obra METZGER, M. *História de Israel*. Tradução de Nelson Kirst e Silvio Schneider. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1981.

¹¹ Bright afirma que a conquista militar de Canaã só foi possível por conta da ação de deus em favor dos Israelitas. Veja-se: BRIGHT, John. *História de Israel*; Tradução Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 182.

fazer historiográfico devem sempre ser vistas como um relato parcial e limitado do passado que, em grande medida, no caso de fontes escritas, carregam forte carga ideológica de quem às produziu. Tal situação não é diferente com a Bíblia a qual, acima de tudo, foi resultado da elaboração de uma elite sacerdotal preocupada em imprimir as suas próprias percepções da vida e da religião israelita (DAVIES, 1992).

Apesar de uma interpretação crítica do texto bíblico ter se iniciado com Spinoza¹², foi apenas na década final do século XX que uma profunda revisão da história antiga de Israel foi capaz de questionar a real validade da narrativa bíblica para o estudo acadêmico da sociedade véteroisraelita. Sendo assim, em 1996 nascia o *European Seminar on Historical Methodology*¹³ o qual lançou luz sobre a necessidade de uma profunda avaliação do passado de Israel construído sob a ótica do texto bíblico.

Dentre as constatações do *European Seminar* residia a idéia de que a narrativa bíblica não pode ser considerada fonte primária para a tentativa de reconstruir o passado de Israel. Em realidade, tal percepção não era exatamente uma novidade dado que pesquisas pretéritas já haviam apontado para esta situação.

Na década de 1930, por exemplo, o trabalho de Adolph Lods (LODS, 1930) alertava para o fato da imensa distância temporal entre os supostos acontecimentos narrados na Bíblia e a sua fixação por escrito. Para elucidar esse dado vale recorrer ao período dos patriarcas os quais, supostamente¹⁴ viveram por volta de 1800 a.C., porém, o início da fixação do texto bíblico por escrito¹⁵ só veio a ocorrer na transição do século VIII a.C. para o VII a.C. (FINKELSTEIN & MAZAR, 2007: 19), sendo assim, mais de mil anos separam a chamada “era patriarcal” do período da redação do “Antigo Testamento”, logo, a pergunta que de imediato se coloca é: Com tamanha distância temporal existe alguma probabilidade desse relato preservar uma memória histórica autêntica? Se for possível fazer uma comparação histórica forçada poderíamos imaginar a fixação por escrito do relato

¹² Especialmente a partir da publicação do seu trabalho Tratado teológico-político. Veja-se: GILBERT, Pierre. *Pequena História da Exegese Bíblica*. Tradução de Edinei da Rosa Cândido. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 160.

¹³ Mais informações em: <http://airtonjo.com/site1/minimalistas.htm>, acesso em 04/08/2016.

¹⁴ Atualmente é cada vez mais crescente a probabilidade de que os patriarcas foram personagens fictícios, desde a década de 1970 sua historicidade vem sendo severamente questionada. Veja-se: THOMPSON, Thomas. *The Historicity of the Patriarchal Narratives: The Quest for the Historical Abraham*. Berlim: W. de Gruyter, 1974.

¹⁵ É importante alertar para o fato de que estamos nos referindo ao início da fixação do texto, o que não significa a redação completa do texto bíblico nesse período. Atualmente, há pesquisadores que defendem uma cronologia bastante tardia para o Antigo Testamento como, por exemplo, o período persa e/ou helenístico. Veja-se: GRABBE, L. L. (ed.) *Did Moses Speak Attic? Jewish Historiography and Scripture in the Hellenistic Period*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001.

da chegada de Cabral ao Brasil ocorrendo no ano de 2500 d.C., sendo que, até o momento de sua redação, a versão sobre a chegada ao Brasil permanecesse circulando oralmente de geração em geração por cerca de um milênio.

Com o exemplo referido acima resta evidente que a narrativa bíblica preserva uma imensa distância temporal entre os acontecimentos nela apresentados e a redação por escrito destes, de modo que, o texto bíblico não pode ser considerado fonte histórica primária na tentativa de reconstrução do passado de Israel. Entretanto, a arqueologia e a epigrafia, ao contrário, podem revelar evidências materiais contemporâneas aos fatos, logo, por tal motivo, a evidência material extra-bíblica tem primazia na tarefa historiográfica moderna (GRABBE, 2003: 165-166).

Em verdade, os manuais de história de Israel produzidos com o uso da Bíblia como fonte principal acabaram criando um passado fictício e glorioso no qual o Israel antigo foi visto como uma cultura superior aos demais grupos humanos que habitaram o antigo Levante (WHITELEM, 1996). Tal situação, na realidade, apenas serviu para reforçar a crença religiosa ainda existente que atribui aos israelitas o título de *povo escolhido* de modo que o antigo Israel acabou monopolizando o passado de toda antiga região levantina dado que, por exemplo, os outros grupos que habitaram a região ou mesmo rivalizaram com Israel (caso dos filisteus) são inexistentes ou descritos de maneira pejorativa nas produções bibliográficas pertinentes ao antigo Oriente Próximo.¹⁶

Sendo assim, urge a necessidade de uma revisão crítica em dita história onde o antigo Levante seja considerado em sua totalidade. Além disso, a inserção de historiadores nessa área de estudo ainda é recente¹⁷, porém, a contribuição dos mesmos será fundamental especialmente no que se refere à produção de uma história de Israel secular em clara oposição a *historiografia teológica* (SCHWNATES, 2008: 11-12) que, por longos anos, produziu uma narrativa sobre o passado de Israel parafraseando acriticamente o texto bíblico (GRABBE, 2007).

Existe uma história do Israel antigo?

Quando optamos metodologicamente por deixar a Bíblia de lado e dar primazia as fontes extra-bíblicas a história de Israel que conhecemos se desfaz com

¹⁶ Como exemplo de uma obra nitidamente pró-Israel veja-se: GIORDANI, Mario Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. Petrópolis: Vozes, 2003.

¹⁷ Em nível internacional, uma exceção seria o Prof. Mario Liverani o qual, inclusive, conta com uma importante obra traduzida no Brasil. Veja-se: LIVERANI, M. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2008.

grande facilidade. Certamente, se não fosse a influência do texto bíblico na cultura ocidental o antigo Israel nos seria um absoluto desconhecido.

A primeira evidência extra-bíblica a citar Israel é a estela de Merneptah (cerca de 1207 a.C.) que descreve as vitórias do referido faraó contra grupos estabelecidos na região de Canaã. Há uma grande probabilidade de que a menção a Israel em dita estela se refere unicamente a um pequeno grupo tribal (CAZELLES, 1986: 57), ou seja, não se trata de um estado monárquico constituído o que só veio ocorrer muito posteriormente.¹⁸

Apenas trezentos anos após a referência de Merneptah é que teremos outra evidência extra-bíblica concernente a Israel (estela de Mesha). Entretanto, é somente a partir do século VIII a.C. que um pequeno conjunto de textos assírios se refere a Israel, especialmente como “Casa de Onri”, fazendo referência explícita à dinastia onrida estabelecida em Samaria no norte de Israel (LEMCHE, 2003: 158).

Sendo assim, ao avaliarmos criticamente a evidência epigráfica e arqueológica Israel seria um agente desconhecido na história do antigo Oriente Próximo dado que a maior parte destas evidências refere-se a outro nome: “Casa de Onri” (WILLIAMSON, 2007: 49-56). Nesse aspecto há uma importante consideração a ser feita a qual evidencia a necessidade da confrontação do texto bíblico com a evidência material. De acordo com a Bíblia o reino do norte (Samaria), o que corresponderia a “Casa de Onri”, é descrito de maneira pejorativa ao passo que há uma clara predileção pelo reino do sul (Judá) (MORGENSZTERN & RAGOBERT, 2007). A referida predileção pelo sul de Israel revela o caráter absolutamente parcial da informação bíblica a qual, evidentemente, reflete o ponto de vista de quem a redigiu. Nesse sentido, é preciso reconhecer que a ideologia sulista (centrada em Jerusalém) dos redatores bíblicos acabou prevalecendo no processo de composição da Bíblia Hebraica (KAEFER, 2015: 106).

Entretanto, ao analisarmos as evidências extra-bíblicas com grande facilidade se percebe que a região sul de Israel (Judá) foi uma região subdesenvolvida por longo tempo, especialmente no período correspondente a suposta monarquia unida de Davi e Salomão (BERLESI & PFOH, 2013: 80). A narrativa bíblica descreve o governo dos referidos monarcas de maneira absolutamente grandiosa, em especial no caso de Salomão, o qual teria edificado um considerável império. Porém, a descrição claramente gloriosa do governo salomônico não se adapta a evidência material encontrada na região (SOGGIN, 1999: 109-112). Em realidade, não há uma única pedra em toda história da

¹⁸ Especialmente com a dinastia de Onri. Veja-se: FINKELSTEIN, I. *O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte*. São Paulo: Paulus, 2015.

arqueologia praticada no Levante que possa ser atribuída ao referido monarca. Salomão pode ser notável unicamente no texto bíblico dado que nas evidências extra-bíblicas ele é simplesmente inexistente.

E é justamente com Salomão que temos um ótimo exemplo de como o uso acrítico do texto bíblico serviu para criar uma história de Israel fantasiosa. Em I Reis 9:15 são descritos três localidades onde o citado monarca teria realizado edificações monumentais. Em verdade, o texto bíblico se refere à Hazor, Gezer e Megiddo, três importantes sítios arqueológicos bastante conhecidos na atualidade. Tomando o citado versículo por referência, Yigael Yadin, considerado o pai da arqueologia israelense¹⁹, afirmou ter encontrado a evidência material necessária para atestar a atividade construtora de Salomão. Ocorre que, nos mencionados sítios, foram encontradas edificações arquitetônicas similares, os chamados “portões de seis câmaras”, logo, fazendo uma associação direta com o versículo de I Reis, Yadin concluiu que tais edificações só poderiam ser atribuídas ao monarca em questão.

No entanto, em anos recentes, o Prof. Israel Finkelstein, coordenador das escavações em Megiddo, conseguiu demonstrar por meio de modernas datações com radiocarbono (FINKLESTEIN, 2008: 115-136) que há uma profunda diferença de cronologia entre as estruturas arquitetônicas dos sítios mencionados não sendo possível, assim, atribuí-las a um mesmo período e/ou monarca. Tal fato revela como o uso acrítico do texto bíblico serviu para forçosamente elaborar uma história de Israel que harmonizasse a evidência material com a narrativa bíblica.

Frente ao exposto torna-se perceptível que uma história de Israel que privilegie as fontes extra-bíblicas tende a ser radicalmente diferente da versão que então conhecemos. Certamente essa tem sido a tônica das pesquisas levadas a cabo especialmente no exterior²⁰, mas que, assim o esperamos, se estabeleça também em solo nacional.

É preciso ter em mente que a recente proposta de abandonar o texto bíblico na tentativa de reconstrução do passado de Israel não se deve a uma repulsa a Bíblia, como querem fazer acreditar os conservadores envolvidos na pesquisa histórica e arqueológica sobre Israel²¹. Tal proposta, contudo, se dá pelo simples fato da narrativa bíblica não ser contemporânea aos fatos nela apresentados, além

¹⁹ <http://www.haaretz.com/jewish/this-day-in-jewish-history/.premium-1.532527>, acesso em 05/08/2016.

²⁰ Atualmente a Dinamarca tem sido um importante centro de pesquisas sobre a referida história.

²¹ Para um exemplo desse conservadorismo veja-se:
<http://noticias.adventistas.org/pt/noticia/biblia/escavacoes-adventistas-estao-entre-as-10-principais-descobertas-da-arqueologia-biblica-de-2015/>, acesso em 05/08/2016.

do mais, o texto bíblico comporta, unicamente, a ideologia de seus redatores muitos dos quais são completamente desconhecidos até o presente momento²².

Não obstante, é importante considerarmos que a proposição de desconsiderar a informação bíblica para a tarefa historiográfica só se aplica, evidentemente, no caso de uma história política do antigo Israel dado que em termos de uma história cultural²³ ou mesmo uma história da religião monoteísta a Bíblia Hebraica comporta, em boa medida, uma série de informações pertinentes²⁴. Entretanto, a trajetória de Israel apresentada na narrativa bíblica não é um relato histórico, mas ficcional ou idealizado de acordo com o contexto da fixação por escrito do referido texto²⁵.

Por longos anos o predomínio da história bíblica de Israel foi capaz de gerar uma imagem inadequada da história do antigo Levante, onde as demais sociedades que habitaram a região viveram sob a sombra de um Israel antigo idealizado (THOMPSON, 1999). Contudo, por meio de uma avaliação crítica da evidência arqueológica e epigráfica da região tem-se hoje a consciência de que o texto bíblico é tão somente um testemunho religioso não podendo ser confundido com um livro de história. Com tal percepção em mente teremos a possibilidade de elaborar uma história secular do antigo Israel (PFOH, 2009: 67-68) tão necessária para uma abordagem efetivamente acadêmica da história antiga oriental em seu conjunto.

Bibliografia

- ALT, A. *Terra Prometida*. Ensaios sobre a História do Povo de Israel. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- BERLESI, Josué . *Arqueología en Israel: los desafios de la ciencia frente a cuestiones políticas y religiosas*. Revista Mundo Antigo, v. II, 2012.
- BERLESI, Josué & FELDMAN, Ariel (org.). *Historiografia: nove debates, novas perspectivas*. UFPA: Cametá, 2015.

²² Note-se o caso da autoria plural do Pentateuco abordada pela teoria JEDP. Mais informações em: PURY, Albert de (org). *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

²³ Como é o caso da obra: ZABATIERO, J. P. T. *Uma história cultural de Israel*. São Paulo: Paulus, 2013.

²⁴ Veja-se, por exemplo, a obra de Haroldo Reimer sobre a estruturação da fé monoteísta: REIMER, H. *Inefável e sem forma. Estudos sobre o monoteísmo hebraico*. Goiania; São Leopoldo: Editora da Ucg; Oikos, 2009.

²⁵ Para Finkelstein e Silberman grande parcela do Antigo Testamento foi redigida de acordo com a política propagandística do rei Josias segundo a qual se criou um passado idealizado do antigo Israel: FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.

- BERLESI, Josué ; PFOH, E. . A História Antiga de Israel e os novos horizontes de pesquisa. In: PORTO, V. C.; POZZER, K. M. P.. (Org.). *Um outro mundo antigo*. 1ed. São Paulo: Annablume, 2013.
- BRIGHT, John. *História de Israel*; Tradução Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1978.
- CAZELLES, Henri. *História política de Israel*: desde as origens até Alexandre Magno. Tradução de Cácio Gomes. São Paulo: Paulus, 1986.
- CLINE, E. H. *Biblical Archaeology: a very short introduction*. Oxford: OUP, 2009.
- DA SILVA, A. J. A história de Israel na pesquisa atual. In: *História de Israel e as pesquisas mais recentes*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DAVIES, Philip R., *In Search of 'Ancient Israel*, Sheffield, Sheffield Academic Press, 1992.
- DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal/Vozes, 1997.
- FINKELSTEIN, I. *O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte*. São Paulo: Paulus, 2015.
- FINKELSTEIN, Israel. *Una actualización de la Cronología Baja*: Arqueología, Historia y Biblia. Buenos Aires: Antiguo Oriente, volumen 6, p. 115-136. 2008.
- FINKELSTEIN, I.; MAZAR, A. *The Quest for the Historical Israel*: Debating Archaeology and the History of Early Israel. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.
- FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- GILBERT, Pierre. *Pequena História da Exegese Bíblica*. Tradução de Edinei da Rosa Cândido. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GIORDANI, Mario Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GRABBE, L. L. *Ancient Israel: What Do We Know and How Do We Know It?* London: T & T Clark, 2007.
- GRABBE, L. L. (ed.) *Did Moses Speak Attic? Jewish Historiography and Scripture in the Hellenistic Period*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001.
- GRABBE, L. L. (ed.) 'Like a Bird in a Cage': The Invasion of Sennacherib in 701 BCE. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2003, p 165-166.
- GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel*: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até nossos dias; Tradução Monika Ottermann. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.
- HERRMANN, S. *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1979.

- KAEFER, J. A. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015
- LEMCHE, Niels Peter. On the Problems of Reconstructing Pre-Hellenistic Israelite (Palestinian) History. In: GRABBE, L. L. (ed.) 'Like a Bird in a Cage': The Invasion of Sennacherib in 701 BCE. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2003.
- LEMCHE, N. P. *The Israelites in History and Tradition*. Louisville: Kentucky, Westminster John Knox, 1998.
- LIVERANI, M. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2008.
- LODS, Adolphe. *Israël, dès origines au milieu Du VIII siècle*. Paris: La Renaissance du Livre, 1930.
- METZGER, M. *História de Israel*. Tradução de Nelson Kirst e Silvio Schneider. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1981.
- MORGENSZTERN, I.; RAGOBERT, T. *A Bíblia e seu tempo - um olhar arqueológico sobre o Antigo Testamento*. 2 DVDs. Documentário baseado no livro *The Bible Unearthed*, de Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman. São Paulo: História Viva - Duetto Editorial, 2007.
- NOTH, M. *Historia de Israel*. Barcelona: Garriga, 1966.
- PFOH, E. *The Emergence of Israel in Ancient Palestine: Historical and Anthropological Perspectives*. London: Equinox, 2009.
- PURY, Albert de (org). *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.
- REIMER, H. *Inefável e sem forma*. Estudos sobre o monoteísmo hebraico. Goiania; São Leopoldo: Editora da Ucg; Oikos, 2009.
- RODRIGUES, Gabriella B. *Arqueologia Bíblica e construção de identidades: notas acerca da pesquisa arqueológica nas chamadas terras da Bíblia*. Anais da XXIII Semana de Estudos Clássicos "Cultura Clássica inter-relações e permanência", 2008.
- SAND, Shlomo. *The invention of the Jewish People*. London/New York: Verso. 2009.
- SCHWANTES, Milton. *História de Israel: Local e origens*. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- SILBERMAN, Neil A.. *Between Past and Present: Archaeology, Ideology and Nationalism in the Modern Middle East*. New York: Henry Holt. 1989,
- SOGGIN, J. A. *Nueva historia de Israel*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999
- THOMPSON, Thomas. *The Historicity of the Patriarchal Narratives: The Quest for the Historical Abraham*. Berlim: W. de Gruyter, 1974

- THOMPSON, T. L. *The Mythic Past: Biblical Archaeology and the Myth of Israel*. New York: Basic Books, 1999.
- WILLIAMSON, H. G. M. (ed.), *Understanding the History of Ancient Israel*. Oxford: Oxford University Press, 2007
- WHITELEM, K. *The Invention of Ancient Israel: The Silencing of Palestinian History*. London: Routledge, 1996.
- ZABATIERO, J. P. T. *Uma história cultural de Israel*. São Paulo: Paulus, 2013.